

ENSAIO TEÓRICO SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO UM MEIO DE SE PENSAR O CONHECIMENTO ESCOLAR GEOGRÁFICO DECOLONIAL

Lucas Elyseu Rocha

Narcizo Mendesⁱ

Mestrando em Geografia e Meio Ambiente na Pontifícia da Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Resumo

Ao usar a história em quadrinhos como ferramenta de análise geográfica, assumimos a importância da arte neste processo, pois, cada indivíduo possui e usa sua imaginação com intuito de realizá-la de alguma maneira. Organizando – por meio de atos imaginativos ou criativos – significados que fazem com que a fantasia assumam um papel significativo no processo de construção do conhecimento geográfico (TUAN, 1990). Como meio de se pensar uma alternativa de conhecimento escolar de geografia que permita, como destacado por Sassen (2003) *apud* Lima (2013), aplicar uma imaginação construtora de novas espacialidades, iremos destacar o Giro Decolonial, que é aqui entendido como uma crítica epistemológica e ontológica que traz “uma reflexão sobre nossa memória, nosso imaginário, nossa subjetividade, nossas formas de existir cotidianas.” (CRUZ, 2017, p. 25). No qual, através de uma perspectiva crítica da geopolítica, intitulada geopolítica popular, que entende que o conhecimento geopolítico não se limita apenas a um “ato privilegiado de interpretação acadêmica” (DOODS, 2002, p. 194), destacamos como podemos usar as histórias em quadrinhos de forma a se pensar um conhecimento escolar de geografia de forma decolonial. Dessa forma, este artigo tem como objetivo geral entender a mídia história em quadrinhos como uma forma decolonial de se pensar e construir o conhecimento escolar de geografia.

Palavras-chave: Giro Decolonial, Conhecimento escolar de geografia, Geopolítica Popular, História em Quadrinhos.

THEORETICAL ESSAY ABOUT THE IMPORTANCE OF STORIES IN COMICS AS A WAY TO THINK ABOUT SCHOOL KNOWLEDGE OF DECOLONIAL GEOGRAPHY

Abstract

When using comics as a geographic analysis tool, we

ⁱ Endereço institucional:

Rua Marques de São Vicente, 225
Gávea, RJ, Brasil, CEP 22.451-900.

Endereço eletrônico:

lucas.elyseu@gmail.com

assume the importance of art in this process, since each individual has and uses their imagination in order to carry it out in some way. Organizing - through imaginative or creative acts - meanings that make fantasy take on a significant role in the process of building geographic knowledge (TUAN, 1990). As a way of thinking about an alternative school knowledge of geography that allows, as highlighted by Sassen (2003) *apud* Lima (2013), to apply an imagination that builds new spatialities, we will highlight the Gothic Decolonial, which is understood here as an epistemological criticism and ontological that brings “a reflection on our memory, our imaginary, our subjectivity, our daily ways of existing.” (CRUZ, 2017, p. 25). In which, through a critical perspective of geopolitics, entitled popular geopolitics, which understands that geopolitical knowledge is not limited to just a “privileged act of academic interpretation.” (DOODS, 2002, p. 194), we highlight how we can use comics in order to think of school knowledge of geography in a decolonial way. Thus, this article aims to understand the comic book media as a decolonial way of thinking and building school knowledge of geography.

Keywords: Decolonial Giro, School knowledge of geography, Popular Geopolitics, Comics.

Introdução

Ao usar a história em quadrinhos como ferramenta de análise geográfica, assumimos a importância da arte neste processo, pois, cada indivíduo possui e usa sua imaginação com intuito de realizá-la de alguma maneira. Organizando – por meio de atos imaginativos ou criativos – significados que fazem com que a fantasia assumam um papel significativo no processo de construção do conhecimento geográfico (TUAN, 1990), fazendo-o promover “a sensação de um mundo compartilhado.” (TUAN, 1990, p. 441), que desenvolve uma visão de mundo que o constrói por meio de um “conhecimento semelhante ao da ciência empírica” (TUAN, 1990, p. 444). Esta construção do conhecimento geográfico para além da ciência, o faz não ser apenas um “conhecimento básico adquirido das necessidades da vida; é também um projeto intelectual-imaginativo.” (TUAN, 1990, p. 444).

Destarte, estamos imersos em um sistema-mundo, que para Dussel (1977), através da aplicação de uma filosofia de centro, hegemônica e ideológica, articula interesses que justificam a dominação do ser. Produzindo desejos e necessidades, *GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 188-214, jul-dez. 2020*

que criam uma história linear e universal, que tem como eixos centrais de sua configuração, segundo Quintero (2019); um sistema de dominação cultural controlador da produção e reprodução da subjetividade, que para Lestegás (2002), difunde redes técnicas e informacionais, que reduz de forma subalternizada quaisquer manifestação de diversidade cultural e linguística diferente.

Estruturando um sistema de exploração social e global que articula formas de controle institucionalizadas e justificadas pelo poder hegemônico (QUINTERO, 2019; LIMA, 2013). Perpetuando práticas e relações de poder colonial (colonialidade do poder), que insere o ser na sociedade através das mesmas (colonialidade do ser), por meio de um projeto intelectual que faz com que todo conhecimento produzido se encontre subalternizado frente ao conhecimento moderno Ocidental (colonialidade do saber).

Como meio de se pensar uma alternativa de conhecimento escolar de geografia que permita, como destacado por Sassen (2003) *apud* Lima (2013), aplicar uma imaginação construtora de novas espacialidades, iremos destacar o Giro Decolonial, que é aqui entendido como uma crítica epistemológica e ontológica que traz “uma reflexão sobre nossa memória, nosso imaginário, nossa subjetividade, nossas formas de existir cotidianas.” (CRUZ, 2017, p. 25).

Assim sendo, este artigo fora dividido nas seguintes partes: i) O conhecimento geográfico e sua relação com a colonialidade do poder, ser & saber, ii) A geopolítica popular das histórias em quadrinhos como meio de se pensar o conhecimento de geografia decolonial, iii) A arte de quadrinizar decolonialmente o conhecimento escolar de geografia.

Na primeira seção, buscamos entender como o Mito da Modernidade condiciona de forma direta na construção do conhecimento geográfico, explorando as potencialidades que o Giro Decolonial possui, que nos permite pensar um conhecimento geográfico decolonial. No qual, através de uma perspectiva crítica da geopolítica, intitulada geopolítica popular, que entende que o conhecimento geopolítico não se limita apenas a um “ato privilegiado de interpretação acadêmica.” (DOODS, 2002, p. 194), iremos na segunda seção; mostrar como podemos usar as histórias em quadrinhos de forma a se pensar um conhecimento geográfico

decolonial. Desta forma, ao se pensar um conhecimento escolar de geografia, por meio da geopolítica popular e da decolonialidade, se criam possibilidades de manifestações que relacionam “o novo material de modo substantivo e não arbitrário a sua estrutura de conhecimento (MOREIRA, 2011, p. 36).

Logo na terceira seção, buscamos mostrar como a mídia – história em quadrinhos – interfere de forma direta na construção do conhecimento escolar de geografia, criando novas ressignificações sobre determinado cotidiano, cultura e relações de poder. Fortalecendo muitas vezes, de forma perversa a reprodução de um conhecimento criador de ofertas e promessas formadoras de desejos que fazem do estudante “um gigantesco espelho no qual devemos ver nossa própria imagem, que parece estar ali simplesmente refletida quando, na verdade, foi deliberadamente produzida” (CHAUÍ, 2006, p. 54-55).

Assim sendo, ao se propor a construção de um conhecimento escolar de geografia decolonial por meio da geopolítica popular das histórias em quadrinhos; propomos construir um conhecimento que dá ao estudante o direito de se “tornar protagonista e arquiteto de seu destino.” (VILLEN, 2013, p. 17). Protagonismo e arquitetura fazem com que a desconstrução não se dê apenas pela luta material, mas também através de uma “revolta epistemológica contra as categorias de pensamento colonial.” (CONTANTINI, 2006 *apud* VILLEN, 2013, p. 123).

Dessa forma, como forma prática de se pensar este conhecimento – na terceira seção – através da expressão de autoria de Ivan Brunetti (2013) – A Arte de Quadrinizar (2013) – entendida como “um meio prático pelo qual o quadrinista amador pode vir a descobrir-se criativamente.” (BRUNETTI, 2013, p. 1). Buscamos mostrar como as histórias em quadrinhos, quando usadas de forma a construir o conhecimento escolar de geografia, desenvolvem um conhecimento calcado em um sistema “coerente e identificável de sinais comunicativos que expressam a experiência única que cada um de nós tem da vida” (BRUNETTI, 2013, p. 18). Destarte, este artigo tem como objetivo entender a mídia história em quadrinhos – pela ótica da geopolítica popular – como uma forma decolonial de se pensar o conhecimento escolar de geografia.

O conhecimento geográfico e sua relação com a colonialidade do poder, ser & saber

Anteriormente à chegada do europeu e da criação da América Latina, a região “era habitada por vários povos com língua, vestuário e costumes diversos que haviam desenvolvido eficazes sistemas de comunicação e troca de pensamentos e produtos.” (CECEÑA, 2006, p. 223). Tendo a concepção de espaço e de construção de mundo dada por uma relação intersubjetiva entre mulheres e homens para com a natureza, concebendo-a “como um dos tantos sujeitos que compunham à unidade da vida.” (CECEÑA, 2006, p. 224).

Destarte, o ano de 1492 é marcado pela chegada do europeu à América; exportando relações de poder e estruturando um sistema existencial de partes estruturadas, composto de narrativas simbólicas unificadas por conceitos construídos que põe o conhecimento europeu (norte-americano depois) como centro da História Mundial, dividindo o mundo em 4 partes: i) Europa/(depois)Estados Unidos desenvolvidos, ii) América Latina imatura, iv) África ausente de desenvolvimento histórico e iv) Ásia com papel introdutório e preparatório no desenvolvimento da história mundial (DUSSEL, 1977; 2016; 1993).

Esta divisão do mundo, traz a luz do significado ontológico do ano de 1492, ou seja, uma construção ideológica construída a partir da imagem e semelhança para com a Europa, que põem desde sempre o outro não moderno como ser de alteridade negada, submetidos a um processo de modernização criador de uma cultura superior e desenvolvida (DUSSEL, 1993).

Em meio a esta negação, o conhecimento geográfico sempre esteve presente, imprimindo novas formas de organização do espaço, estimulando expedições colonizadoras a serviço de uma cultura comum. Auxiliando assim, na instauração de um poder colonial interno e global, estabelecendo de vínculos que classificam e hierarquizam o conhecimento geográfico através de regimes de poder (GOTTMAN, 1947; LESTESGÁS, 2002; SANTOS, 2017).

Uma das formas de expressão deste regime, pode ser entendido através da colonialidade, que é encontrada, para Valter do Carmo Cruz (2017), intrínseca em

nossas relações sociais manifestando-se de inúmeras maneiras. Construindo, segundo o autor, um imaginário social, que desenvolve e imprime uma materialização e repressão sobre os modos de produzir o conhecimento, criando uma superioridade que extingue outras formas de conhecer e viver o mundo, e, insere todo conhecimento produzido em um projeto de racionalidade que tem como objetivo “liberar a sociedade do poder atual e de bloquear todo o caminho que possa leva a reunião ou destruição de todo poder.” (QUIJANO, 1988, p. 56).

Liberdade que se dá pela visão de mundo de grupos dominantes, que criam histórias com vilões e heróis travadas por intermináveis batalhas pelo destino do mundo, no qual tem como objetivo comum, a generalização de uma visão de mundo que expõe análises interpretativas de políticas e geografias, que põem o conhecimento moderno a cima dos demais conhecimentos produzidos (Ó TUATHAIL; DALBY, 2002). Entretanto, para melhor entender a relação da colonialidade para com este projeto, iremos destacar nessa seção a colonialidade do poder, saber e ser, como elementos fundamentais para se entender, como o significado ontológico do ano de 1492 condicionou/condiciona de forma direta a produção do conhecimento geográfico.

A colonialidade do poder, segundo Aníbal Quijano (2013), são relações que se desenvolvem através de práticas sociais desenvolvidas através da co-presença da ideia de raça¹, imprimindo uma dominação, exploração e conflitos, por meio de um padrão universal de classificação e exploração social, que desenvolve uma estrutura de poder “própria do domínio colonial na qual foram submetidos os povos originários a partir de 1492, e que ainda perdura, mesmo após as independências.” (QUIJANO, 1992 *apud* SILVA; PROCÓPIO, 2019, p. 16). Entretanto, para que esta perpetuação alcance seu êxito – de forma concomitante – produz um conhecimento que produz um saber situado em um contexto que expressa um movimento de

¹ Para Aníbal Quijano (2005), o conceito de raça produziu nas Américas, identidades que legitimaram relações de dominação que foram impostas a partir das conquistas iniciadas no ano de 1492, naturalizando relações coloniais de dominação entre modernos e selvagens, que por sua vez estruturaram um novo padrão de poder com dependentes históricos-estruturalmente que perduram até os dias atuais.

centralização e periferação dos saberes², que controla a subjetividade dos povos dominados e oprimidos desde o período colonial (BARROS, 2019).

Esse controle; criador de uma epistemologia de opressão e reprodutor de uma “experiência vivida da colonização” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 130 *apud* BARROS, 2019, p. 40), que põe o conhecimento moderno como superior frente aos demais conhecimentos produzidos através de um “padrão eurocêntrico em sua produção do conhecimento e a valorização de sua cultura.” (BARROS, 2019, p. 40-41), é aqui entendido como colonialidade do saber.

Ao considerar o conhecimento moderno como superior, se instaura de forma subjetiva uma “relação entre modernidade e experiência colonial” (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 84), que conduz – segundo o autor – ao conceito de ser, ou seja, a colonialidade do ser é o “processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de carácter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades.” (QUIJANO, 2000 *apud* MALDONADO-TORRES, 2008, p. 96). Fazendo assim com que o conhecimento e o indivíduo sejam um “produto da modernidade/colonialidade na sua íntima relação com a colonialidade do poder, com a colonialidade do saber e com a própria colonialidade do ser.” (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 89).

Posto isso, Ó Tuathail (1997), nos atenta ao fato de estarmos passando por uma transição de uma “velha” para “nova” ordem mundial, que insere como referência localizada do conhecimento produzido através da relação entre a colonialidade do poder, saber e ser, o conhecimento produzido pelos Estados Unidos. Estabelecendo uma nova onda civilizacional, que possui para o autor, novas ofertas, normas e valores que se adéquam à lógica hegemônica imposta pelo projeto de racionalidade desenvolvido através do significado ontológico do ano de 1492. Carregando consigo privilégios, que através de determinada temporalidade, evoca essências e leis naturais que produzem um conhecimento geográfico que tem como objetivo: fortalecer a idealização singular do mundo imposta pela colonialidade.

² Este movimento ocorre através de um reducionismo do conhecimento, que faz com que uma linguagem seja “imposta como parâmetro para todas as traduções e conversões” (HARAWAY, 1995, p. 16).

Como forma de romper com este conhecimento perverso, há o Giro Decolonial, que busca desenvolver um conhecimento revelador de postura crítica frente ao conhecimento produzido, através da inter-relação do significado ontológico do ano de 1492, para com a colonialidade do poder, saber e ser. De forma a contribuir para o desenvolvimento de “outras racionalidades, culturas, subjetividades e caminhos para o desenvolvimento da humanidade.” (BARROS, 2019, p. 43), buscando a todo instante estratégias “de dominação e expropriação dos conhecimentos e culturas oriundas de outros povos, não europeus.” (BARROS, 2019, p. 44).

Estratégias que abrem novas possibilidades de construção do conhecimento geográfico. Uma delas é definida por Sassen (2003) *apud* Lima (2013), como contranarrativas, ou seja, formas de representação e práticas geopolíticas alternativas que permite o desenvolvimento de uma imaginação geográfica construtora de novos conhecimentos e espacialidades que descolonizam discursos geopolíticos hegemônicos.

Assim sendo, ao considerarmos o Giro Decolonial como uma contranarrativa criadora de possibilidades e representações geográficas possuidoras de uma especificidade geográfica. Permite-se pensar o conhecimento geográfico incorporado a histórias particulares construídas por experiências e subjetividades de forma localizada e contextualizada (LIMA, 2013; CRUZ, 2017).

Garantindo novas formas de interpretação e viver o lugar através das mais variadas existências, vozes, temporalidades e histórias, por meio de um constante processo dialético entre a realização histórica e construção de um modo de existência social, possuidor de um horizonte próprio, específico e alternativo, que se encontra imerso em um “processo de mútuo enriquecimento filosófico, que exige se situar eticamente, reconhecendo todas as comunidades filosóficas de outras tradições com iguais direitos de argumentação.” (DUSSEL, 2016, p. 173).

A geopolítica popular das histórias em quadrinhos como meio de se pensar o conhecimento de geografia decolonial

Ao considerar o Giro Decolonial como uma contranarrativa reveladora de novas formas de se pensar o conhecimento geográfico, considera-se que esse conhecimento esteja associado “a um novo tipo de imaginário universal [...] radical que descolonize as perspectivas [...] dos seus limites eurocêntricos.” (GROSFOGUEL, 2008, p. 144). No qual, seus significados são revelados por uma “estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural.” (HOLZER, 2015, p. 143), que agrupam “dimensões do conhecimento [...] sobretudo aquelas da ação e da afetividade.” (BESSE, 2015, p. 114) , que permitem que o conhecimento geográfico seja experimentado através de n dimensões servindo de “um suporte à existência” (BESSE, 2015, p. 121)..

Suporte que estabelece signos reveladores de condições que convidam o ser “a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência interior ou social.” (DARDEL, 2015, p. 6). Neste contexto, as histórias em quadrinhos se tornam um importante meio para se pensar o conhecimento de geografia decolonial, devido as diferentes formas de representação do espaço que a mesma constrói.

Assim sendo, nesta segunda seção, temos como objetivo entender as histórias em quadrinhos como uma ferramenta de análise da geopolítica popular; criadora de discursos hegemônicos e contra narrativos, capaz de possibilitar a construção de um conhecimento geográfico decolonial que venha a romper com a racionalidade moderna imposta pelo significado ontológico do ano de 1492.

Esta construção é possível, pois, as histórias em quadrinhos não se limitam ao entretenimento, como também, como veremos mais a frente através do personagem Tio Patinhas” e “Eles nos chamavam de inimigos” (TAKEI, 2019), carregam em sua estrutura “uma análise geral usada ocasionalmente para esclarecer questões específicas” (DOODS, 2002, p. 171), que faz com que o conhecimento geopolítico não se limite apenas a um “ato privilegiado de interpretação acadêmica.” (DOODS, 2002,

p. 194). Ao considerar a importância da relação entre cultura popular³ e política na construção do conhecimento geopolítico crítico, nos inserimos em um subconjunto da mesma denominado geopolítica popular⁴. Esta forma de se pensar o discurso geopolítico considera “a maneira pela qual as representações da política mundial circulam na cultura popular” (DOODS, 2010, p. 114), desenvolvendo uma geopolítica “com um discurso localizado dentro de um nexo de poder e conhecimento” (DOODS, 2010, p. 114), que permite encarar as histórias em quadrinhos como fontes interpretativas de “representações geográficas e entendimentos da política mundial” (DOODS, 2010, p. 114-115), que buscam destacar não só “a importância da dimensão cultural popular para a política, mas também contribui para um projeto mais amplo, que considera as relações entre poder, representação e público” (DOODS, 2010, p. 116).

Assim sendo, é importante destacar que não devemos limitar a contribuição da geopolítica popular no que considera a mídia como forma de entender discursos e projetos de grupos hegemônicos da sociedade, mas é “necessário considerar uma variedade de formatos populares – filmes, histórias em quadrinhos e jornais [...] – ao analisar a formação da reprodução dessas culturas geopolíticas” (HOLLAND, 2012, p. 107-108).

Desta forma, ao considerar as histórias em quadrinhos como um conhecimento geopolítico popular construído através de contranarrativas que perturbam “as narrativas dominantes que justificam visões hegemônicas e suas

³ Entendendo a abrangência de significados que envolvem o conceito de cultura popular, se vê necessário apresentá-lo de forma a não fugir do objetivo do artigo. Posto isso, podemos compreendê-la como “aquilo que é elaborado pelas classes populares e, em particular pela classe trabalhadora, segundo o que se faz no polo da dominação, ou seja, como repetição ou como contestação, dependendo das condições históricas e das formas de organização populares.” (CHAUÍ, 2008, p. 59).

⁴ Ao entender a geopolítica popular como um subconjunto da geopolítica crítica, é necessário destacar – de forma breve – os outros subconjuntos que fazem parte deste universo crítico da geopolítica. O primeiro, conhecido como Geopolítica Formal, entende que a produção do conhecimento geopolítico está diretamente associada à problemas de “intelectuais e instituições, que limita a lugares e contextos específicos.” (Ó TUATHAIL, 1999, p. 110). Segundamente, Geopolítica Prática, busca considerar “as políticas que envolvem o cotidiano e sua prática.” (Ó TUATHAIL, 1999, p. 110). Logo, a tipologia formal que distingue a geopolítica popular das demais é o fato de que a mesma busca através da mídia, entender como determinado discurso e prática política constroem “uma espécie de geopolítica cotidiana que está presente em uma variedade de mídias.” (HOLLAND, 2012, p. 109).

políticas resultantes. [...]desafia leitores e telespectadores a reconsiderar o script dominante de eventos geopolíticos” (HOLLAND, 2012, p. 108). Permite-se construir uma imaginação geopolítica estruturada por “discursos do cotidiano por meio de uma variedade de formas visuais e textuais” (HOLLAND, 2012, p. 111), que “influenciam a percepção geopolítica [...] com formatos de resistências” (HOLLAND, 2012, p. 111-112). Reconhecendo não só a “visualidade da hegemonia, mas também da visualidade da resistência” (HOLLAND, 2012, p. 108).

Este desenvolvimento por parte das histórias em quadrinhos ocorre, pois, as mesmas criam uma experiência visual, artística e literária estabelecida de eventos, que por meio de imagens⁵, se realizam através da “contenção de pensamentos, ideias, ações, lugar ou locação.” (EISNER, 1999, p. 38), que lidam de forma direta com a “prática concreta do viver” (EISNER, 1999, p. 25). Fazendo, como destacado por Postema (2018), com que se crie uma forma de contar história por meio de uma narrativa particular, que conduz os leitores a um processo de construção participativa do espaço idealizado pelo autor.

Esta participação é possível, pois, as histórias em quadrinhos empregam um código visual por meio de imagens que constroem – através de diferentes níveis de significação e decodificação – uma “narrativa baseada na coesão, orientando imagens isoladas em um processo de transformação” (POSTEMA, 2018, p. 21), que transmitem segundo Toledo (2011), uma ideologia despertadora de sentimento, que são orientados por significados, que permitem a recriação de símbolos imersos na realidade.

Assim sendo, este processo de integração entre a visão de mundo e realidade proporcionado pelas histórias em quadrinhos está imerso em relações de poder, transmissoras de uma visão particular acerca de determinado evento histórico ou realidade, reproduzindo muitas vezes a realidade opressora imposta a partir do

⁵ Ao ser habilidosamente retratada, a imagem “consegue deflagrar uma lembrança que evoca o reconhecimento e os efeitos colaterais sobre a emoção.” (EISNER, 1999, p. 100). Empregando de forma imaginativa o “emprego imaginativo do conhecimento [...] assim como da habilidade de retratar ou caricaturar e manejar as ferramentas do desenho.” (EISNER, 1999, p. 144).

significado ontológico do ano de 1492. Como exemplo desta reprodução temos as histórias criadas pelo mundo Disney, cujo, suas criações e símbolos:

se transformaram numa reserva inquestionável do acervo cultural do homem contemporâneo: os personagens têm sido incorporados em cada lugar, colados nas paredes, acolhidos em plásticos e almofadas e, por sua vez, têm retribuído convidando os seres humanos a pertencer à grande família universal Disney. (DORFMAN; MATTELART, 2010, p. 14).

Dentre os vários personagens que fazem parte desse mundo; iremos destacar as aventuras do Tio Patinhas. Como sabido, o personagem escolhido é dono de uma fortuna imensurável, e, percorre o mundo desbravando lugares até então desconhecidos pela sociedade moderna em busca de riquezas que venham a aumentar seu patrimônio pessoal.

Esse ímpeto de carregar consigo o espírito da luz, da civilização; se encontra inserido nas ideais que estruturam o significado ontológico do ano de 1492, pois, ao levar luz às partes inóspitas do mundo, Tio Patinhas, se relaciona constantemente com o outro não moderno, estabelecendo relações reprodutoras de desigualdades sociais presentes no mundo moderno. Contribuindo de forma direta para construção de uma visão de mundo, que permite, por meio de imagens e textos, perpetuar relações de poder do sistema-mundo atual, através de uma imersão calcada em um “ideal ético e estético que lhes aparece como o único projeto possível de humanidade” (DORFMAN; MATTELART, 2010, p. 19-20).

Como exemplo deste ideal – analisemos a figura 1 – a priori, temos o nome do lugar que a história se passa: Desertistão. Ao usar um espaço inexistente, segundo os autores, o mundo Disney, faz com que o conhecimento produzido se isente de seu compromisso para com a realidade, permitindo assim a criação de personagens que se encontram imersos em expressões estereotipadas, que trazem a sensação de que as coisas que acontecem no mundo das histórias em quadrinhos não sejam um reflexo da realidade, mas um mundo fora dela.

Outro ponto a ser destacado, no que diz respeito a estereotipação dos personagens do mundo Disney, são as roupas usadas pelos mesmos, nos levando a associar a localidade geográfica deste país ao Oriente médio. O terceiro elemento é

o contraste de técnicas representado por um avião– no canto superior à direita da figura (carregando Tio Patinhas e seu ideal moderno) – acompanhado pela expressão de espanto e admiração por parte dos habitantes do Desertistão. Enquanto os Irmão Metralha, são carregados por uma espécie de liteira.

O quarto elemento – na mesma figura – é a presença dos inimigos fieis do Tio Patinhas: Os Irmãos Metralha. Aparecendo na história enganando o povo do Desertistão com um amuleto falso, que oferecia uma fortuna imensurável para quem obtivesse um amuleto significativo para eles. Pela ótica da geopolítica popular decolonial, esta enganação representa a inocência do conhecimento não moderno ocidentalizado e sua fragilidade frente ao poder de convencimento do conhecimento moderno.

No final da história, fortalecendo essa inocência e fragilidade do conhecimento não moderno, Tio Patinhas, consegue com seu ímpeto do homem moderno, comprovar que tudo não passava de uma farsa, pois, ele tinha em mãos o verdadeiro símbolo almejado. Mostrando que apenas o conhecimento moderno, por mais diferente que seja – como exemplo os Irmãos Metralhas e Tio Patinhas – é capaz de trazer a verdade sobre a realidade.

Assim sendo, ao criar uma “forma de comunicação que permite uma ligação muito direta entre o autor e o leitor” (PRESSER; SCHLÖLGL, 2013, p. 5). As histórias em quadrinhos proporcionam a construção de uma experiência carregada de elementos e significados que não se limitam apenas ao discurso hegemônico. Como exemplo – de contranarrativa – iremos analisar nessa parte da seção a história em quadrinhos “Eles nos chamavam de inimigos” (2019).

Essa história mostra o tratamento que os nipo-americanos sofreram nos Estados Unidos, após o bombardeio a Pearl Harbor, através dos relatos de George Takei. No qual, através do diálogo com os traços marcantes de Harmony Becker, mostra como o sofrimento deste grupo social, é tão digno quanto o sofrimento de outros grupos oprimidos ao longo da segunda guerra mundial. Um exemplo a destacar desta opressão fora os decretos civis do ano de 1942, que “mapeava um distrito e ordenava que todos os nipo-americanos ali residentes se dirigissem a um ponto de referência para tramitação e remoção.” (TAKEI, 2019, p. 23).

A maneira que esses campos se encontravam dispostos no território americano pode ser vista através da figura 2. Campos que eram habitações em condições precárias. Um exemplo desta precariedade eram as condições dos barracões, no qual “nunca vou esquecer do calor que saiu daquela cabana assim que papai abriu a porta.” (TAKEI, 2019, p. 2019).

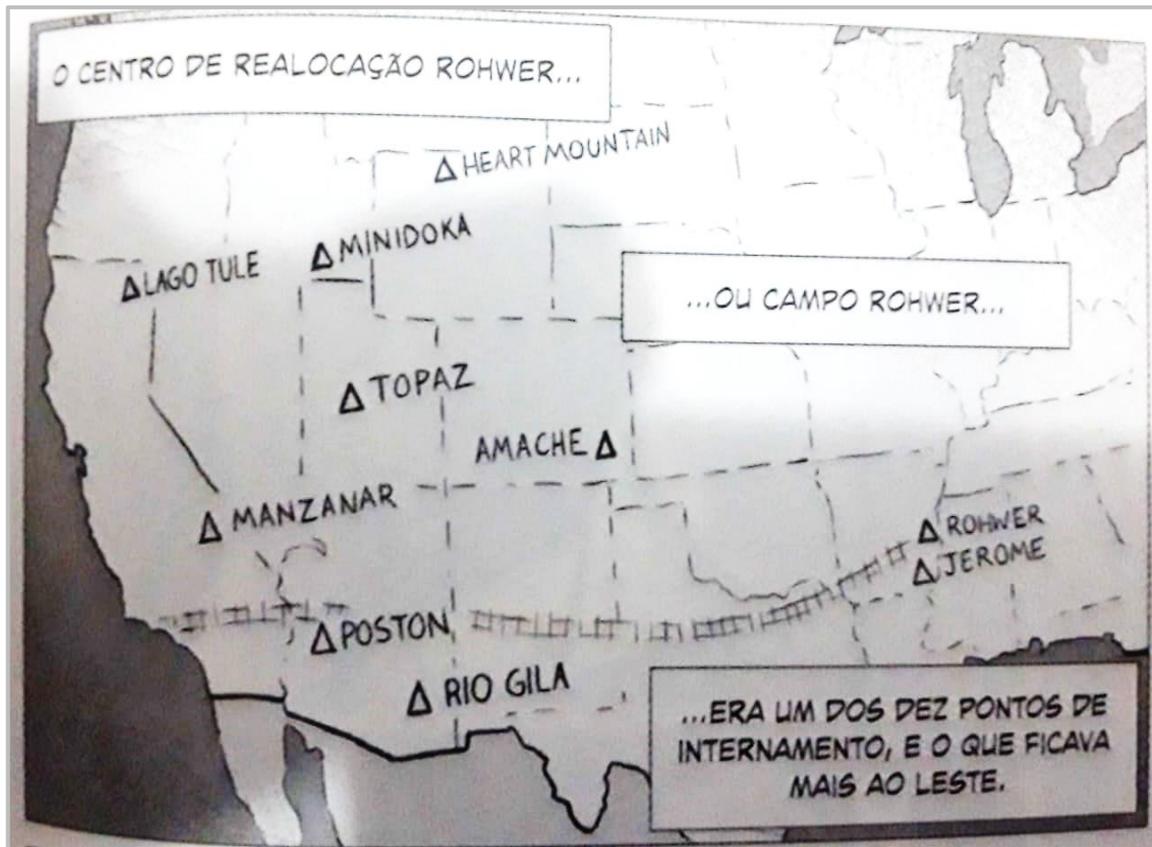


Figura 2. Localização dos pontos de internamento de nipo-americanos
Fonte: TAKEI, George, 2019, p. 55.

Os campos de internamento, como pode ser visto na figura 3, eram organizados de forma a alojar 8 mil famílias de nipo-americanos em um “campo que ficava onde antes era um pântano e quando chegavam as chuvas, elas vinham com força.” (TAKEI, 2019, p. 77). Entretanto, as condições climáticas não impediam os nipo-americanos de ressignificarem o espaço que estavam inseridos. Um exemplo desta ressignificação, é exposto a partir da figura 4, quando “não sei de quem foi a ideia, mas não tardou para os homens saírem às vias, pregando restos de madeira para fazer uma passarela improvisada.” (TAKEI, 2019, p. 77).

Ensaio teórico sobre a importância das histórias em quadrinhos...

Lucas Elyseu Rocha Narcizo Mendes

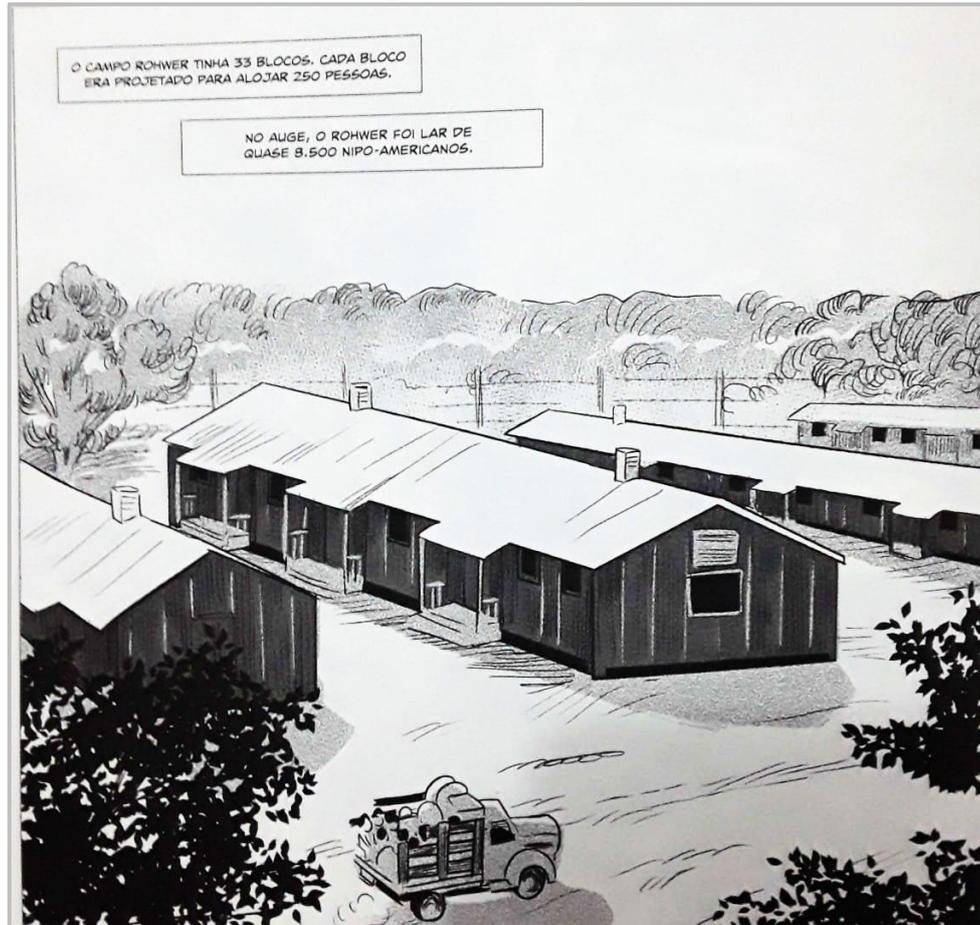


Figura 3. Campo Rohwer
Fonte: TAKEI, George, 2019, p. 20.



Figura 4. Tábuas
Fonte: TAKEI, George, p. 77.

Ressignificações, que constantemente tinham que lidar com tentativas incansáveis do governo americano em subalternizá-las. Como exemplo temos a GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 188-214, jul-dez. 2020

elaboração de um questionário – por parte do governo estadunidense – que buscava avaliar a lealdade do povo nipo-americano para com os americanos, no qual qualquer resposta que fosse dada, seria usada de motivo para justificar “nosso cárcere injusto – como se eles tivessem direito de nos chamar de “inimigos estrangeiros” e nos prender desde o começo.” (TAKEI, 2019, p. 115).

Assim sendo, as histórias em quadrinhos quando analisadas pela ótica da geopolítica popular, através da inter-relação para com as ideias desenvolvidas pelo Giro Decolonial. Criam, segundo Gomes e Góis (2008), ações sequenciais inseridas em um tempo-espaço, através da inter-relação entre a leitura das sequências de imagens e a compreensão da narrativa, que produzem significados que representam o sentido de determinado lugar.

Sentidos que revelam espaços que são “cópias da realidade, uma vez que as representações não espelham o mundo, mas o criam [...] Representações, antes de qualquer coisa, expressam escolhas de princípios, de significação própria.” (MENDONÇA; REIS, 2016, p. 57-58). Escolha que nos permite notar que os “objetos e seus significados [...] remetem uma síntese espacial dos lugares representados, sejam eles ficcionais ou não” (MENDONÇA; REIS, 2016, p. 56)

Essa recriação através desta síntese espacial dos lugares representados, auxilia na construção de significados que são capazes de romper com o cotidiano “trazendo novas formas de relações para com um espaço, criando um novo sentido para o mesmo, como também uma lógica para o uso de seus objetos” (MENDONÇA; REIS, 2016, p. 58). Novas formas de relação e sentido no espaço, que puderam ser vistas na história em quadrinhos “Eles nos chamavam de inimigos”. Cujo através das narrativas de George Takei e arte de Harmony Becker, conceberam um espaço com uma dimensão que serve de instrumento “tanto de percepção como de compreensão do mundo em uma visão tridimensional, e não apenas como ilustrações” (MENDONÇA; REIS, 2016, p. 64).

Compreensão que quando associado ao Giro Decolonial revela novas formas de se pensar o conhecimento geográfico, pois, o associa “a um novo tipo de imaginário universal [...] radical que descolonize as perspectivas [...] dos seus limites eurocêtricos.” (GROSFOGUEL, 2008, p. 144). Permitindo o indivíduo situar-se no GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 188-214, jul-dez. 2020

espaço, reconhecendo a expressão do próprio indivíduo como ser-e-estar-no-mundo (MARANDOLA JR., 2012), tendo seus significados revelados por uma “estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural.” (HOLZER, 2015, p. 143), que não pode ser reduzido à objetivação do pensamento moderno, pois, agrupam “dimensões do conhecimento [...] sobretudo aquelas da ação e da afetividade.” (BESSE, 2015, p. 114) que não pode ser reduzido à objetivação do pensamento moderno, pois, agrupam “dimensões do conhecimento [...] sobretudo aquelas da ação e da afetividade.” (BESSE, 2015, p. 114), que permitem que o conhecimento geográfico seja experimentado através de n dimensões servindo de “um suporte à existência” (BESSE, 2015, p. 121). Suporte que estabelece signos reveladores de condições que convida o homem “a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência interior ou social.” (DARDEL, 2015, p. 6). Neste contexto, as histórias em quadrinhos se tornam uma importante ferramenta para se pensar também o conhecimento escolar de geografia, devido as diferentes formas de representação do espaço que a mesma constrói. Mostrando que o conhecimento geográfico não se limite a um “ato privilegiado de interpretação acadêmica.” (DOODS, 2002, p. 194).

A arte de quadrinizar decolonialmente o conhecimento escolar de geografia

Quando nos referimos ao uso das histórias em quadrinhos no ensino de geografia, é importante destacar que as mesmas se encontram inseridas em um espaço midiático mediado por relações de poder criadoras de estratégias de controle como também de “lutas de grupos e indivíduos para terem acesso e participação quanto à informação e ao direito de voz e de expressão.” (SILVERSTONE, 2002 *apud* FISCHER, 2007, p. 293).

Estas relações de poder “assumem características de produção, veiculação, consumo e usos específicos em cada lugar do mundo.” (FISCHER, 2007, p. 293). Exercendo na sociedade um papel de apropriação crítica e criativa, que interfere de

forma direta na construção do conhecimento escolar de geografia; criando ressignificações acerca do cotidiano, da cultura e das relações de poder (SANTAELLA, 1992 *apud* CARVALHO; ARAÚJO, 2017).

Essa possibilidade de criação de novas realidades faz com que o indivíduo desenvolva de forma individual sua autonomia, autoexpressão, identidade e conhecimento (OSBORNE, 2007 *apud* DIÓRIO; RÔÇAS, 2013). Permitindo pensar o uso da mídia história em quadrinhos no ensino de geografia como uma forma de problematizar as narrativas hegemônicas impositoras de sentidos e modos de viver (TERUYA, 2009). Para assim construir um conhecimento escolar de geografia por meio de uma “ação educativa mais significativa e atrativa aos sujeitos envolvidos no processo educacional” (PEREIRA; AKAICHI, 2015, p. 312). Ampliando assim as “oportunidades de aprendizagem de maneira crítica e contextualizada, pois possibilita a elaboração e apreensão do conhecimento de forma sistematizada e ordenada.” (PEREIRA; AKAICHI, 2015, p. 312).

Esta possibilidade irá fazer as histórias em quadrinhos serem encaradas na escola como veículo que possui inúmeros pontos de vista, que permitem aos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de geografia uma participação mais efetiva e crítica sobre suas respectivas realidades: decodificando, entendendo, comunicando e criando novos produtos de mídia (PECHULA; GONÇALVES; CALDAS, 2013).

Posto isso, podemos afirmar que a mídia história em quadrinhos, quando usada no ensino de geografia, incentiva os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem a “produzir e expressar ideias, opiniões, sentimentos e conhecimentos sobre o mundo.” (GUIMARÃES, 2007, p. 50). Para assim mostrar, que existem “outras realidades, outros acontecimentos e fatos por detrás daquilo que nossos olhos conseguem captar” (GUIMARÃES, 2007, p. 54-55).

Ao explorar outras visões de mundo e perspectivas frente ao conhecimento escolar de geografia por meio das histórias em quadrinhos, o estudante a faz a partir de suas experiências pessoais no mundo que tem como objetivo “colocar os indivíduos em contato com os “outros”, em outros tempos e espaços” (GUIMARÃES, 2007, p. 55).

GeopUC, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 188-214, jul-dez. 2020

Assim sendo, não podemos esquecer de destacar também o caráter perverso que a mídia possui, no que diz respeito a (re)produção de um conhecimento dado pela inter-relação entre as colonialidades expostas na primeira seção. Essa crítica é necessária, pois, tem como objetivo “mostrar como na sociedade moderna a cultura transformou-se em uma grande força capaz de transmutar a arte em qualquer mercadoria” (SANTOS, 2014, p. 26). Transformação que introduz “modos próprios de trabalho” (SANTOS, 2014, p. 27), que fazem que a mídia esteja presente na vida “na grande maioria da população brasileira [...] no qual a intimidade das pessoas é o objeto central do espetáculo” (CHAUÍ, 2006, p. 5).

Impossibilitando a diferenciação entre “a aparência e o sentido, o virtual e o real, pois tudo nos é imediatamente dado sob a forma da transparência temporal e espacial das aparências apresentadas como evidências” (CHAUÍ, 2006, p. 32-33). Este vácuo, para a autora, é preenchido por promessas e ofertas de gratificação instantânea criador de desejos que buscam a satisfação individual. Busca que fortalece o conhecimento produzido por meio da inter-relação das colonialidades debatidas na primeira seção, “oferecendo-se como um gigantesco espelho no qual devemos ver nossa própria imagem” (CHAUÍ, 2006, p. 54-55).

De forma então, a usar a mídia história em quadrinhos de maneira a aplicar as ideias de decolonialidade e geopolítica popular, com objetivo de construir um conhecimento escolar de geografia, temos como referência a expressão “A arte de quadrinizar”, usada por Ivan Brunetti (2013) em seu livro: “A arte de quadrinizar: filosofia e prática”. Arte que confere uma “linguagem humana uma forma visual perpétua, dotando-a de existência independente” (BRUNETTI, 2013, p. 1). Existência que quando associada à expressão quadrinizar, faz com que seja “um meio prático pelo qual o quadrinista amador pode vir a descobrir-se criativamente” (BRUNETTI, 2013, p. 1).

Visão essa que faz com que as histórias em quadrinhos quando usadas como forma de incentivar a descoberta criativa do imaginário geográfico, desenvolvam e construam um conhecimento escola de geografia capaz de traduzir emoções que permitem estruturar e captar o mundo através do ponto de vista de quem o produz, pois, carregam consigo uma visão de mundo e discurso singular, que faz com que se

construa um sistema “coerente e identificável de sinais comunicativos que expressam a experiência única que cada um de nós tem da vida” (BRUNETTI, 2013, p. 18).

Experiência que transmite emoções associadas a imagens e palavras, possuidoras de “forma” e “conteúdo”, que faz com que o ato de desenhar uma história em quadrinhos – por meio da perspectiva geográfica decolonial debatida nesse artigo – construa a realidade através da experiência e representação de “fenômenos externos como estados emocionais” (BRUNETTI, 2013, p. 65). Fazendo assim, com que o conhecimento escolar de geografia construído por meio da Arte de Quadrinizar sirva de “instrumento de luta [...] e não simplesmente algo a ser apresentado por ocasião dos testes e provas” (FREITAS, 2018, p. 128). Revelando assim condições que dão “à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência interior ou social” (DARDEL, 2015, p. 6).

Experiência que por meio da ideia da Arte de Quadrinizar o conhecimento escolar de geografia, oferece representações exteriores que auxiliam na construção de significados que trazem “novas formas de relações para com um espaço, criando um novo sentido para o mesmo, como também uma lógica para o uso de seus objetos” (MENDONÇA; REIS, 2016, p. 58).). Fazendo assim, com que o conhecimento escolar de geografia promova “a sensação de um mundo compartilhado” (TUAN, 1990, p. 441). Permitindo aos envolvidos no processo de ensino aprendizagem de geografia se “libertar da cultura estabelecida” (TUAN, 1990, p. 443). Libertação, que faz com que o conhecimento de geografia decolonial construa um conhecimento geográfico escolar por meio de “um projeto intelectual-imaginativo” (TUAN, 1990, p. 444).

Considerações finais

Ao se pensar o conhecimento escolar de geografia de forma decolonial, por meio do uso geopolítico popular das histórias em quadrinhos associado à proposta de quadrinizar, podemos ver seu “valor pedagógico na medida em que questiona os referenciais eurocêntricos” (PENNA, 2014, p. 183). Fazendo o estudante questionar os padrões de vida, como também a rejeitar a alienação de forma a agir sobre a

realidade a ponto de superar sua visão fatalista e imutável “passando-se à percepção de que ela é construída pelos homens e passível de ser transformada” (PENNA, 2014, p. 190).

Esta capacitação irá, para Penna (2014), permitir a problematização e transformação da realidade por parte do estudante, potencializando-o a “superar a contradição opressor-oprimido por meio da objetivação do opressor como causa da situação atual” (PENNA, 2014, p. 192). Superação, que possibilita a construção de um conhecimento escolar de geografia através de um “novo tipo de imaginário universal [...] radical que descolonize as perspectivas [...] dos seus limites eurocêntricos” (GROSGOUEL, 2008, p. 144).

Construção que possui uma “estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural” (HOLZER, 2015, p. 143). E que por meio das histórias em quadrinhos, convidam o estudante “a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência interior ou social” (DARDEL, 2015, p. 6).

Referências

BARROS, João. Geopolítica del conocimiento: control de la subjetividad y del conocimiento en la descolonialidad epistémica. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 50, n. 2, jul/out, 2019, p. 31-50.

BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. *In*: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRUNETTI, Ivan. **A arte de quadrinizar**: filosofia e prática. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

CARVALHO, Wander Guilherme; ARAÚJO, José Augusto Faria. Mídias locativas e realidade aumentada: potencialidades para o ensino geografia na cibercultura. *In*: ENANPEGE [Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia]. Porto Alegre/RS, out. 2017.

CECEÑA, Ana Esther. Uma versão mesoamericana da América Latina. *In*: NOVAES, Adauto (organizador). **Oito visões da América Latina**. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. Em: Crítica y emancipación. **Revista latinoamericana de Ciências Sociais**. Año 1, nº 1, jun. Buenos Aires: CLASCO, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CRUZ, Valter do Carmo. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In: CRUZ, Valter do Carmo, OLIVEIRA, Denílson Araújo de. **Geografia e giro descolonial: experiências, idéias e horizontes de renovação do pensamento crítico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

DARDEL, Eric, 1899-1967. DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DISNEY, Walt. **Febre do ouro**. Coleção Disney Temático. São Paulo: Abril, 2014.

DODDS, Klaus. Enframing Bosnia: the geopolitical iconography of Steve Bell. In: **Rethinking Geopolitics**. Edited by Gearóid Ó Tuathail and Simon Dalby. Taylor&Francis e-Library, 2002, p. 170-198.

_____. **Popular geopolitics and cartoons: representing power relations, repetition and resistance**. Critical African Studies, Issue 4, December 2010, p. 113-131.

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. **Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo**. 6. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2010.

DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da libertação na américa latina**. 2. ed. São Paulo: Loyola. Piracicaba: UNIMEP (co-edição), 1977.

_____. **Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios**. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. Coleção Novos caminhos da teologia. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. 1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. In: **Conferências de Frankfurt**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. In: **Revista Brasileira de Educação**, V. 12, n.35, maio/ago, 2007.

FREITAS, Luiz Carlos. **A reforma empresarial da educação: nova direita velhas ideias**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

GOMES, Paulo César da Costa; DE GÓIS, Marcos Paulo Ferreira. A cidade em quadrinhos: elementos para a análise da espacialidade nas histórias em quadrinhos. *In: Revista Cidades*. Presidente Prudente - São Paulo, v. 5, n. 7, jul/dez, 2008.

GOTTMANN, Jean. Doutrinas Geográficas na Política. *In: Les doctrines politiques modernes*. Nova York: Brentano's Inc. - 586 Fifth Avenue, 1947.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *In: Revista crítica de ciências sociais*, n. 80, mar. 2008.

GUIMARÃES, Iara. **Ensino de Geografia, mídia e produção de sentidos**. *In: Terra Livre*, Presidente Prudente, ano 23, v.1, n.28, p. 45-66, jan-jun/2007.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *In: Cadernos Pagu* (5), 1995, p. 7-41.

HOLLAND, Edward C. "To think and imagine and see differently": popular geopolitics, graphic narrative, and Joe Sacco's "Chechen war, chechen women". *In: Geopolitics*. Taylor & Francis Group, LLC, 17: 105-129; 2012.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. *In: O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

LESTEGÁS, Francisco Rodríguez. Concebir la geografía escolar desde una nueva perspectiva: una disciplina al servicio de la cultura escolar. *In: Boletín de la A.G.E.* Nº 33, 2002.

LIMA, Ivaldo. A Geografia e o Resgate da Antigeopolítica. *In: Revista Espaço Aberto*, PPGG – UFRJ, v. 3, n. 2, p. 149-168, 2013.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *In: Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, março 2008, p. 74-114.

MARANDOLA JR., Eduardo. Heidegger e o pensamento Fenomenológico em Geografia: sobre os modos Geográficos de existência. *In: Revista Geografia*, Rio Claro - São Paulo, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan./abr. 2012.

MENDONÇA, Márcio José; REIS, Luis Carlos Tosta. Percepção do espaço geográfico nos quadrinhos. *In: Revista 9ª Arte*, São Paulo, vol. 5, n. 2, 2º sem. 2016.

MOREIRA, Marco Antonio. Aprendizagem significativa: um conceito subjacente. *In: Revista Meaningful Learning Review*, V. 1(2), p. 25-46, 2011.

Ó TUATHAIL, Gearóid. Understanding Critical Geopolitics: Geopolitics and Risk Security. *In: Geopolitics, Geography and Strategy*. Editors Colin S. Gray, Geoffrey Sloan. Frank Cass Publishers, p. 107-125, 1999.

_____; DALBY, Simon. Introduction. *In: Rethinkin geopolitics*. Taylor & Francis e Library, p. 1-16, 2002.

PENNA, Camila. Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana. *In: Revista de Estudos & pesquisas sobre as Américas*, v. 8, n. 2, 2014.

PECHULA, Marcia Reami; GONÇALVES, Elizabeth; CALDAS, Graça. Divulgação Científica: Discurso, mídia e educação. Controvérsias e perspectivas. *In: Revista de estudos para el desarrollo social de la comunicación*. Redes.com, n. 7, 2013.

PEREIRA, Noemi Ferreira Felisberto; AKAICHI, Tatianne. Mídias no processo de ensino e aprendizagem. *In: Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades*, Foz do Iguaçu – PR; UNIOESTE, 8 a 11 de dezembro de 2015.

POSTEMA, Bárbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos**: construindo sentido a partir de fragmentos. Tradução de Gisele Rosa. São Paulo: Peirópolis, 2018.

PRESSER, Alexandra Teixeira de Rosso; SCHLÖGL, Larissa. Histórias em quadrinhos enquanto meio de comunicação eficaz. *In: Razón y palabra*, n. 83, jun-agosto, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Coleção Sur Sur, CLASCO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005, p. 227-278.

_____. Modernidad, identidad y utopia en América Latina. *In: Sociedad & política ediciones*. Primera edición, Lima, p. 45-69, agosto 1988.

_____. O que é essa tal de raça? *In: Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil*. Coleção Cultura Negra e identidades. Renato Emerson dos Santos (Organizador). 3. ed., ver., ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patrícia; ELIZALDE, Paz Concha. **Uma breve história dos estudos decoloniais**. V. 3, São Paulo MASP Afterall, 2019.

SANTOS, Renato Emerson dos. Falando de colonialidade no Ensino de Geografia. *In: PORTUGAL, Jussara Fraga (organizadora). Educação geográfica: temas contemporâneos*. Salvador: EDUFBA, 2017.

SANTOS, Tamires Dias. Theodor Adorno: uma crítica à indústria cultural. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência – 2º quadrimestre de 2014 – vol. 7 -nº2 – p. 25-36*.

GeoPUC, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 188-214, jul-dez. 2020

SILVA, Anaxsuell Fernando; PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. Colonialidade do crer, do saber e do sentir: apontamentos para um debate epistemológico a partir do sul e com o sul. *In: Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 50, n. 2, jul/out, 2019, p. 15-30.

STOLTZ, Tania. Mídia. Cognição e educação. *In: Educar*, Curitiba: UFPR, n. 26, p. 147, 2005.

TAKEI, George; KISINGER, Justin; SCOTT, Steven. **Eles nos chamavam de inimigo**. Arte de Harmony Becker; tradução de Érico Assis, 1ª ed., São Paulo: Devir, 2019.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre mídia, educação e estudos culturais. *In: MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI Nerli Nonato Ribeiro (Org.) Pesquisa em educação: múltiplos olhares*. Maringá: Eduem, 2009.

TOLEDO, Júlia. **Asterix entre os acadêmicos**: o uso dos quadrinhos para uma análise dos conceitos de geografia. Viçosa: UFV, 2011.

TUAN, Yi-Fu. Realism and Fantasy in Art, History, and Geography. *Annals of the Association of Geographers*, vol. 80, nº 3, sep. 1990, p. 435-446.

VILLEN, Patrícia. **A crítica de Amílcar Cabral ao colonialismo**: Entre a harmonia e a contradição. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

Recebido em 27 out. 2020;
aceito em 28 dez. 2020.